

O QUE SIGNIFICA UM RÓTULO

1 Etiqueta com informações sobre o produto (nome, marca, fabricante, prazo de validade, componentes etc.) que se afixa na embalagem.

2 Essa mesma etiqueta com informações elogiosas sobre o fabricante e o produto que se coloca nas garrafas de vinho, uísque etc.

3 Dístico na lombada dos livros.

4 Rel. Grade das janelas e portas dos confessionários, clausuras etc.

5 Fig. Classificação, em geral superficial e preconceituosa, que se atribui a alguém; PECHA:

Estas definições são do dicionário Caldas Aulete. Um dicionarista respeitado sobre a língua portuguesa e um filólogo. Há os que não gostam dele, preferem o Dr. Aurélio Buarque de Holanda, ou mesmo Hildebrando André. Todos são excelentes. E assim se tratam, embora possuam divergências totais quanto ao enquadramento da língua nacional, quanto a pronúncia, estrangeirismos, neologismos, entre outras. Mas todos defendem a utilização de uma língua portuguesa nacional. De uma boa expressão verbal e escrita. Todos se vêem como profissionais do verbo.

Eles, não se prendem a rótulos. Na filosofia, outro campo da ciência humana, lamentavelmente ainda não aprendi a ciência não humana, mas estou tentando sempre; há diversas linhas de pensadores. Lacan, Aristóteles, Euclides, Platão, Sócrates, Eurípedes, Freud, Nietzsche, e tantos outros pensadores, nem mais nem menos importantes. Todos essenciais. Eles defendem seus pontos de vista. Mas nunca verá um deles falando contra a filosofia. Ao contrário, todos se vêem como filósofos. Eles não se prendem a rótulos. Tentaram, alguns conseguiram, fazer escolas de pensamento. Mas nunca foram contra o pensar.

O Dr. Hunter Patch Adams, disse em entrevista para o Programa Roda Viva, TV Cultura de São Paulo, que sua filosofia de vida é o amor, não apenas no âmbito hospitalar, mas em nossas relações sociais como um todo, independente de lugar.

Tem por opinião que o objetivo do médico não é curar e sim cuidar. Cuidar com muito amor, tocando nos doentes, olhando em seus olhos, sorrindo... Criticou o imperialismo americano, chamou de "lixo" aos mais ricos que nada fazem aos menos favorecidos; criticou as multinacionais, os poderes e a imprensa denominada livre. Lançou uma frase impactante: "Somente 10% da população mundial pensa...os tantos outros são conduzidos e induzidos a concordar."

Desafiou. "Pensem!!!". Em nenhum momento hostilizou ninguém. Não chamou-os de menores intelectos. Disse que o amor, e o pensamento com amor, faz a diferença. Não aceita **rótulo**. Criticou ao filme que o esterotipou. Criticou severamente esta nova cultura da rapidez. Dos textos curtos. Das falas sintéticas.

Sintetizem um abraço. Descrevam um beijo. Convencido da conexão poderosa entre o ambiente e o bem estar, acredita que a saúde de um indivíduo não pode ser separada da saúde da família, da comunidade e do mundo. **Criticou, sem rótulo.**

Toda esta mensagem é questionadora ao movimento de defesa aos animais atual.

Venho observando, lamentavelmente, que há uma necessidade latente em fomentar a cisão do movimento, classificando-o e pior, rotulando.

Veganos, Vegetarianos, Ovo-lacto-vegetarianos, lacto-vegetarianos, abolicionistas, bem-estaristas.....Ora, todos não defendem os direitos e a vida animal? Livre de crueldade, de submissão? Com direitos inerentes aos seres vivos? Todos iguais?

E não me apresentem discursos vazios como os que certa e tal tendência seja ampla. Eu entendo. O que digo é que há algo comum. Há a visão da liberdade dos animais. Do entendimento deles como seres que devem ser respeitados e em harmonia coabitar neste nosso planeta. Sem violência ou submissão. E que deve ser rechaçada a idéia que advogue o contrário.

Entendo que a livre expressão, o livre pensamento deva ser sempre preservado.

O que não posso suportar é o sectarismo. A separação e classificação que este segmento presta e este presta menos.

Todos somos defensores dos animais. Chega-se ao cúmulo de agora, classificar leis com estas denominações. E aí, semeiam em seara que conheço um pouco melhor.

Só sei uma gota no oceano do conhecimento. Mas conheço o Estado. Dou aula de Teoria Geral do Estado. De Direito Constitucional. Coordeno uma faculdade de Direito. A lei é norma. Norma que se apresenta para a sociedade. Fruto dela, sociedade. Tem lá suas classificações, mas não como querem alguns do movimento animal, rotulando-as.

Há especialização no Direito, normas costumeiras, normas marítimas...Mas não há normas de Direito Animal. Não há Código Animal, embora exista um livro com este **rótulo** nefasto e enganoso. Aliás, luto para que exista um diploma consolidada na área do direito animal. Luto para que exista uma cadeira no curso de Direito, de respeito ao ambiente animal. Já existe Direito Ambiental, porém lá, os animais são somente um apêndice.

É um acinte, um abuso, uma agressão, o que assisto com classificação de leis com **rótulos**. Outro acinte igual, são estes cursos de Direito Animal sem qualquer grade, formação, e supedâneo jurídico e científico. É crítica sim, agressiva, mas não excludente. Critico com o mesmo direito que defendo o direito de livre expressão. Pessoas que lastreadas em experiência, aludem-se sábias e dominantes do assunto. Eu me confesso um ignorante. Solvo minha ignorância dia a dia. E não admito alguém ensinar algo lastreado somente em experiência de vida. Pelo menos não no aspecto técnico. Inclusive a lei impede tais cursos, visto que ministrados por pessoas descredenciadas para este exercício profissional.

Voltemos às normas. Elas se lastream como base de conduta. Uma sociedade as cria visando um regramento de direitos e deveres dentro do Estado. Estado são 3 elementos: povo, território e governo legítimo. A norma surge para compor estes elementos.

No movimento animal, não há normas vegetarianas, veganas, ou bem-estaristas. Ou de qualquer outra vertente. **Há norma**. De um Estado. Nosso caso, Estado brasileiro. Estado com desenho próprio, povo próprio e governo consolidado.

O que existe por parte de um movimento filosófico de respeito aos animais, talvez, seja a leitura da norma. E leitura é pessoal.

Todas as chamadas vertentes do movimento animal me vêem, ora perto de uns, ora distante de outros. Eu sou eu. Não pertencço a ninguém. Só penso.

Chegou às raias da bobagem quando uma pessoa, disse que não participaria de um evento, pois eu era convidado e comia carne.

Pouco importa o que como. Aliás, se me apontar uma destas "pseudo" lideranças que nunca fez uso de utensílios ou exploração animal, em algum momento da vida, eu paro e me retiro.

Imbecil e estéril esta discussão. A opção por uma alimentação mais saudável, menos agressiva ao planeta é fruto de consciência. O mesmo diga-se quanto a comportamento ambiental.

É inegável que produtos de origem animal, trazem em seu bojo o sofrimento.

Tudo que é sensível transmite.

Não vivemos em um planeta utópico. Vivemos aqui. O que preferem? Pendurar na cruz aqueles que não sabem alimentar-se ou procurar convencê-los do erro que estão cometendo? Sectarizar? Que tal colocar em campos de concentração e fazer uma lavagem cerebral filosófica? Isso é não violência que é pregada pelos abolicionistas ?

No mundo do Direito. Pegar um advogado filósofo é bom. Primeiro, eu gostaria que as traduções respeitassem a língua em que foram escritas, e também ao meu português. Há sofríveis erros de português nestes textos veganos e muitos apócrifos.

Leis bem-estariastas. Não existe isso!!! Existem leis. Que evoluem com o tempo. De nada adianta tentar impingir um comportamento aludindo ser este o correto. A verdade é algo que se constrói. E, se existe alguma proteção aos animais, ainda que precária e não ideal, foi construída por esforço de muitas lideranças que deram sua vida na defesa dos bichos. Ignorar isso é no mínimo um desrespeito e falta de civilidade.

Existem interesses em tudo no mundo. Não podemos deixá-los interferir numa discussão maior que a defesa animal.

Vejo violência em atitudes veganas e abolicionistas. Vejo condicionamento. Qual a diferença de condicionar um animal para consumo e condicionar um humano a aceitar sua versão de mundo ideal???

Não sou bem-estarista. Não sou vegano. Não sou vegetariano. Não sou abolicionista. Sou brasileiro. Ao passo de ter parado de comer carne por diversas vezes, e me conservando algum tempo porém com recaídas, ainda como peixe em pequena escala, leite, queijo e derivados do leite animal.

Ruim, eu sei. Mas eu sou fruto de uma cultura carnívora. Cultura. Uma cultura que nos envolve. Mesmo comparável a um vício. Creio até uma droga. E a irracionalidade de argumentos (ou é vegano ou não é protetor animal...ou é vegano ou é exterminador.....ou é abolicionista ou é predador....) só enfraquece qualquer consciência que se pretenda perpetrar.

Cansa isso. Pessoas jovens, todas elas, sem conhecimento científico ou técnico, falando sobre Estado de Direito. Eu sou professor universitário, estudo faz muito tempo, e ainda nada sei.

Estes senhores do rótulo, do sectarismo, sabem tudo. E condenam. A inquisição também condenou. Não me parece que tenha agido corretamente.

Cansa. E ainda falam num mundo de direitos. Nosso mundo é explorador. Este é o instinto da raça humana. Alguns, como nós seres sensíveis que pretendem a harmonia entre espécies, pensamos nos outros. Mas somos na visão do Dr. Patch Hunter Adams, 10%. 10% do mundo pensa, o resto é conduzido.

Assim, falar em visão crítica de leis é benéfico. Lutar é benéfico. Agora querer destruir o Estado de Direito eu não admito. Detesto políticos, mas sem eles não há qualquer sistema no planeta que se vislumbrou viável. O que fazer? Isolar-nos e criarmos comunidades radicais e nos desligarmos do resto do planeta?? Haverá saída assim??

Há algum tempo houve um carnaval protesto organizado por um grupo denominado Gato Negro.

Já começa pela terminologia, pois negro significa etnia. Preto é cor. E se pretendem dar contexto de etnia, escolhem, em visão preconceituosa, uma das que foi mais explorada por milênios. E o é até hoje.

Organizaram um evento num colégio público (desvio de função???) e pensavam em instalar um chuveiro...isso para não falar em linguagens chulas (conotações aos genitais humanos) em sítio da internet, um meio público de mídia. Isso é movimento? Há sanidade nisso??? Sem higiene grupal ou individual pode haver reflexão sagaz?? Perdoe, não consigo visualizar.

Mais. A cultura do hoje é rápida. É de slogans curtos. Ninguém reflete. Nada. Aceitação do pronto. Ninguém constrói. Textos devem ser sintéticos. Aponte-me um pensador universal do mundo antigo (após este período temos versões e tendências) que lastreava-se na redução de textos?

Esta postura é consumista. Exatamente o que pregam os poderosos de plantão. Sem análise, se aceita tudo....mais rápido, mais rápido....

Não há Estado vegano ou abolicionista. É filosofia. Impérios, todos eles, erguidos pela força, foram destroçados.

Direito. Leis. Isto dita a sociedade. Se quisermos mudá-la, devemos fazer com que nos dêem a voz. Eleitos políticos da causa, sejam transparentes.

Não façam propagandas sem resultado. Forneçam a real posição de tal ou qual procedimento legal proposto. Não enganem fazendo movimentações populares sem dizer a que propósito.

Vamos dar nome. Vamos ver quem faz algo pelos animais efetivamente. Quem construiu se não o ideal da libertação animal, o que foi possível.

Espaço para todos. Todos que representem de alguma forma a defesa dos animais. Dentro deste contexto é que vou nas manifestações públicas. Vou defendendo tudo. Até o que não acredito. Por direito de expressão. Pela não censura. Pela liberdade. Por acreditar que algo que seja sem base, se destrói per si.

Na defesa animal, vejo um discurso de morte de irmãos. Nem melhores nem piores.

Vamos agir. Parar de criticar.

Se temos de sofrer mais, nós enquanto um só movimento, e submeter mais animais ao nosso imobilismo em discurso desconexo, que seja. Na vida, por vezes bebemos água do rio, tentando atravessá-lo.

ROGÉRIO GONÇALVES – 11/02/2008